

DISCURSO E CLASSE: Estudo de Caso do Setor Calçadista de Franca/SP

Paula D'Andrea Guaraldo (Fclar/Unesp Araraquara)

1. Introdução

Com o intuito de detectar as atitudes comportamentais dos novos industriais do pólo calçadista da cidade de Franca/SP, acerca de seus referenciais de classe, opta-se pelo estudo de seu discurso, com o respaldo das teorias de análise do discurso. Neste sentido, apoiamo-nos em um referencial teórico que diz respeito a discurso e classe. A primeira etapa da presente pesquisa consiste em discorrer sobre esta proposta, apresentando juntamente com o citado referencial teórico o objeto de estudo que, por sua vez, é o discurso do industrial calçadista de Franca – ator social selecionado para o desenvolvimento de um estudo de caso.

2. Discuso e Classe

2.1 Considerações gerais

Primeiramente, é pertinente contextualizar este estudo, pois se trata de um fenômeno que incide no pólo calçadista de Franca. Localizada na região Nordeste do estado de São Paulo, cuja população total oficial é de 321 969 habitantes¹, sua economia baseia-se no setor industrial voltado ao segmento calçadista². Após 1990 houve o declínio do setor calçadista brasileiro, devido à intensa concorrência dos produtos asiáticos, sobretudo da China, que causaram forte impacto no pólo calçadista de Franca (SANTOS; TEIXEIRA, 2004).

Estudos anteriores relatam como surge o empresariado no estado de São Paulo. Barbosa cita em sua tese “que os empresários industriais do Estado de São Paulo, onde se concentrou a industrialização brasileira, não tiveram origem nas famílias ligadas ao café” (BARBOSA, 2004, p. 75). Então, para o caso da indústria calçadista de Franca, também não podemos falar de um empresariado fabril

¹População estimada no ano de 2005 em 01.07.2005. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

²PIB aproximadamente de R\$1.582.320,00. Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

originário da burguesia cafeeira; da mesma forma, não é possível conceber o empresariado do calçado como grupo social cujas raízes históricas remontam ao grande capital e, no limite, até mesmo ao *médio* capital. Sendo assim, fica claro que, o processo local se distingue das interpretações correntes acerca da formação da indústria e, por extensão, da burguesia industrial no Brasil. A constatação de que o núcleo original do empresariado calçadista deriva da atividade de artesãos/sapateiros e, em menor grau, do pequeno comércio, confronta a interpretação predominante, que vincula o surgimento da burguesia industrial ao grande capital cafeeiro, e, por outro lado, também se choca com uma certa análise crítica dessa visão, que considera a classe média como matriz social dos empresários fabris paulistas (BARBOSA, 2004), incluindo-se também nesse caso francanos. Tal dinâmica social é sintetizada da seguinte forma por Barbosa (2003): “Deste modo, encontramos a origem do empresariado do calçado em modestos empreendimentos iniciados por artesãos, operários e pequenos comerciantes” (p. 66).

A origem do empresariado do calçado descrita acima foi e ainda é objeto de estudos focados no pólo calçadista da cidade de Franca. Neles, observa-se que, esta dinâmica social persistiu ao longo dos anos e perpassou gerações; nos dias atuais, é observável a permanência dessa dinâmica com o surgimento de micro-empresas fundadas, por sua vez, por ex-operários e/ou filhos de operários. Conforme argumenta Barbosa (2004)

A persistência da fabricação predominantemente manufatureira na indústria do calçado possibilitou a sobrevivência do “saber” e da “habilidade” como fatores importantes no universo da produção, não fazendo da subjunção plena do trabalho à maquinaria uma realidade incondicional. Tudo indica que, nessa atividade, o trabalho manual não apenas se manteve como fator determinante na estrutura produtiva, como até mesmo foi – e talvez ainda o seja – o elemento de ligação na gênese de inúmeras trajetórias empresariais. Neste sentido, entendemos que o ofício, a habilidade manual, possa ser interpretado como uma porta de acesso ao “mundo empresarial” e que a capacidade criativa constitua um aspecto relevante a explicar o êxito de empresários do setor, já que essa é uma indústria na qual a magnitude do capital não parece ser componente decisivo para o início do empreendimento (p. 94).

Complementando a questão abordada pelo autor de que o trabalho manual além de ser fator determinante na estrutura produtiva, foi e ainda é o elemento de ligação na gênese de inúmeras trajetórias empresariais, Barbosa ressalta que, de

um ponto de vista schumpeteriano³, pode-se pensar ainda que “a competência em efetivar ‘novas combinações’ que pudessem otimizar a capacidade de criação e produção deva ter sido fundamental para o sucesso das empresas [...]” (BARBOSA, 2004, p. 94).

Neste sentido, é possível considerar a hipótese de que os referenciais da condição de classe inicial prevalecem e que as raízes são conservadas no *habitus* desse sujeito, pois

Na indústria do calçado, o que observamos em Franca é que o espaço doméstico se modifica, transformando-se, em muitos casos, em uma unidade produtiva, e vai pouco a pouco, principalmente nas décadas mais recentes, admitindo moldes racionais fordista-tayloristas, ampliando-se para os cantos mais variados da cidade e, influenciando não somente o aspecto da produção de calçado, mas sobretudo a maneira de viver, de se pensar o mundo. **Em muitos casos não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa. Podemos dizer que a classe operária francana nasce e está dentro de casa, mais que em outros lugares** (grifo nosso) (BARBOSA; MENDES, 2003, p. 65).

Esta questão conduz o estudo à discussão do *habitus*, termo cunhado por Bourdieu (1999, p. 199). Ligado à origem de classe, lembrando que “a instituição da classe ensina os membros da sociedade a observar algumas diferenças e ignorar outras, ao distribuir as pessoas segundo uma ordem de mérito social” (BOTTOMORE 1968, p. 14), este pode ser classificado como uma forma de condicionamento cultural e social, diretamente ligado à classe social de origem. O *habitus* é analisado como uma espécie de “herança” de classe e não como aprendizado, seria um elemento intrínseco ao indivíduo, algo do qual ele não se desvencilha. De acordo com Setton (2002), esse termo é uma noção que nos auxilia na reflexão sobre as características de uma identidade social, experiência biográfica, um sistema de orientação do sujeito ora consciente ora inconsciente; com essa concepção a autora vai além e expõe que a teoria do *habitus* nos habilita a pensar o

³“Para Schumpeter, o proprietário de um estabelecimento industrial ou comercial pode ser classificado como empreendedor quando se empenha a levar a efeito ‘novas combinações’ dos meios de produção, procedimento que o pensador austríaco define como um dos fatores cruciais ao dinamismo e conseqüente desenvolvimento de qualquer atividade econômica. No arcabouço schumpeteriano, o conceito de ‘novas combinações’ abrange: 1) a produção de um novo bem com o qual o consumidor não esteja familiarizado; 2) a adoção de um novo método de produção; 3) a abertura de um novo mercado; 4) a conquista de novas fontes de suprimento de matérias-primas; e 5) a execução de uma nova organização de qualquer indústria, como por exemplo a instauração ou supressão de um monopólio [...]” (BARBOSA, Agnaldo de Sousa. *Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado: (Franca, 1920-1990)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2006, p. 160-161).

processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. A partir desse fator, pode-se questionar alguns aspectos que remetem a questões inerentes ao nosso ator social – o industrial de Franca.

Proveniente das ciências humanas, o *habitus*, palavra latina utilizada pela tradição escolástica e, anteriormente estabelecida por Aristóteles como *hexis*, designa características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem, podendo então ser, de forma simplificada definido como “estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável” (SETTON, 2002, p. 61). Justamente nesse ponto que esta pesquisa despertando-nos para o seguinte questionamento: a transição da condição de operário para a de industrial provocaria a modificação de seu discurso devido à relação desse ator social com seu meio de origem? Tal dinâmica está expressa na análise de Bourdieu segundo a qual um empresariado “está fora e dentro [...] desta burguesia, enquanto ela se manifesta a ele como seu meio[...] assim ele não pára de exigir que ela o reconheça e incorpore” (BOURDIEU, 1999, p. 199).

Supõe-se que mesmo com o preavalecimento da imagem do “sapateiro”, são incorporados, durante a comentada interseção de classe, elementos que fixam o estereótipo do industrial local. Desenvolve-se “uma estrutura normativa (valores, normas e expectativas de papéis, padrões esperados de comportamento e interação) e uma estrutura de ação (padrões reais de interação e comportamento), originada, sobretudo nas posições dirigentes” (FERNANDES, 2004, p. 61). É pautado neste fato que esse estudo se desenvolve, sendo este o fator primordial das análises desenvolvidas, considerando a origem social do empresariado francano e sua trajetória, atentando para a questão da formação de classe abordada por Bourdieu a seguir:

Pode-se sugerir [...] que a pequena burguesia, **classe de transição que se define fundamentalmente por aquilo que não é mais e pelo que ainda não é**, extrai inúmeras atitudes, tal como sua inclinação para o objetivismo, de uma posição de dupla oposição, em relação às classes superiores e em relação às classes populares (grifo nosso) (BOURDIEU, 1999, p. 9).

Através da leitura de Weber, Bourdieu ressalta que as classes acabam por se diferenciar de acordo com sua relação com a produção e com a aquisição de bens,

os grupos de *status*, contrariamente aos seus princípios de consumo de bens que refletem os tipos específicos de estilos de vida.

Vale dizer, as diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir estes bens, ou melhor, através do consumo, e mais, através do consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos, *as diferenças de fato em distinções significantes*, ou para falar como os lingüistas, em 'valores', privilegiando a *maneira*, a forma da ação ou do objeto em detrimento de sua função. Em conseqüência, os traços mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social – por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia, e sobretudo 'as maneiras' o bom gosto e a cultura" (BOURDIEU, 1999, p. 22).

Para esse tipo de análise é conveniente lançar mão da Análise do Discurso que, por conseguinte, auxiliará no desenvolvimento do trabalho, principalmente na realização das análises das entrevistas realizadas, como citado anteriormente, com os industriais do calçado pertencentes à geração precursora e sucessora de gestão do setor.

Neste sentido, a questão colocada conduz o trabalho a discussões acerca da linguagem, visto que esta está dentre os traços mais prestigiosos, colocados por Bourdieu, ou seja, aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social. Esta enquanto discurso é interação, é um modo de produção social, não sendo neutra nem inocente, por isso um lugar propício para a manifestação da ideologia, um "sistema-suporte das representações ideológicas [...] é o 'medium' social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais" (BRAGA; BRANDÃO, 1996). Sob esta perspectiva, observa-se a linguagem como um lugar de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais e não se desvinculam de suas condições de produção. Esse é o enfoque assumido por uma nova tendência lingüística que surge na década de sessenta – a Análise do Discurso (BRANDÃO, 1996, p. 12).

Na leitura que Nascimento faz do teórico Pechêux (1969), concebe-se o discurso não como sendo somente transmissão de informação, mas como efeito de sentido entre locutores; a Análise do Discurso, por sua vez, seria a análise desses efeitos de sentido, não havendo o discurso sem sujeito e, da mesma forma, não

existindo sujeito sem ideologia. De acordo com a autora “a ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade. A cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo[...]” (NASCIMENTO; GREGOLIN, 1994, p. 216). Desta forma, as formações ideológicas só existem nas formações discursivas, então é analisando o discurso é que se tornará possível verificar a formação ideológica que o constitui.

A partir dos princípios apresentados, foram propostas comparações entre os discursos de novos industriais, juntamente com análises sociológicas para a investigação do processo de transição entre os momentos – origem e posição atual - com o intuito de compreender se há um suposto distanciamento, ou até mesmo, a ruptura do industrial com sua origem social e assim constatar de que forma isso acontece, através das análises das entrevistas realizadas com os industriais do calçado de Franca a serem propostos.

3. Pesquisa de campo - Análise e interpretação: A relação Discurso e Classe

Dando continuidade ao estudo do empresariado do pólo industrial da cidade de Franca, inicia-se o desenvolvimento de análises sociológicas e dos discursos. Neste sentido, é pertinente o desenvolvimento de estudos mais aprofundados acerca da identidade de classe dos industriais calçadistas em questão.

Esta pesquisa de campo é respaldada por duas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente transcritas realizadas nos dias 24 e 25 de agosto de 2006 junto aos empresários Carlos Alberto Brigagão e Jorge Felix Donadelli, respectivamente. É fundamental salientar que ambos os empresários consentiram na divulgação das respostas, conforme declaração concedida pelos mesmos. Fez-se necessário, também, o uso de entrevistas de apoio⁴ para a aquisição de informações complementares. A entrevista abordou algumas das relações entre indústrias de calçados no contexto atual, questões de gestão empresarial no setor e questões

⁴Entrevista realizada por Agnaldo de Sousa Barbosa com Jorge Felix Donadelli em 11/12/2002 para a elaboração da tese de doutorado *Empresários e Modernização: Homens, Idéias e Capital na Indústria do Calçado (Franca, 1920-1990)*, desenvolvida na UNESP/Araraquara com o apoio financeiro da FAPESP e Entrevista realizada por Cida de Paula, editora da Revista Lançamentos: Máquinas & Componentes com Carlos Alberto Brigagão para a edição de maio/junho de 1995.

sociais que podem ser discutidas.

Certamente, muitos dos empresários que atualmente têm se destacado no setor calçadista de Franca, não imaginavam, no início e no período de estabelecimento de suas empresas a proporção que seus negócios tomariam, tanto no cenário nacional, quanto internacional. Carlos Alberto Brigagão, nascido na cidade de Franca e Jorge Felix Donadelli, nascido em São José da Bela Vista - cidade a 25 km de Franca -, foram os industriais selecionados para representar a categoria local. Ambos atuam no setor desde a juventude – Brigagão desde os 24 anos de idade e Donadelli desde os 21. Atualmente, estão à frente das indústrias de calçados *Sândalo* e *Donadelli*, respectivamente, onde cresceram profissionalmente.

Carlos Brigagão é economista e atua no Sindicato da Indústria do Calçado de Franca como secretário coordenador e conselheiro; iniciou as atividades da fábrica enquanto estudante – ele, seu irmão Paulo e seu pai idealizaram a montagem da indústria e iniciaram as atividades relacionadas à fabricação de calçados, em 1965, juntamente com os primos Leube e Amadeu que são também sócios-fundadores. Jorge Donadelli até os quinze anos, quando veio para a cidade para estudar, trabalhou na lavoura com seu pai, além disso, sempre trabalhou em pequenos negócios da família como uma peixaria e um bar; iniciou suas atividades no setor calçadista, trabalhando e estudando, mais tarde se formou em Direito e Contabilidade, atualmente também é Presidente do Sindicato da Indústria do Calçado de Franca.

No início da entrevista, questionamos os industriais acerca de sua origem familiar, social e de classe e suas respostas foram breves. O empresário Jorge Felix Donadelli é neto de italianos; seu bisavô e avô vieram da região do Vêneto, na Itália; depois de casado, seu avô foi trabalhar em Nuporanga, a 87 km de Franca, onde seu pai nasceu. O empresário declara que seu pai foi agricultor durante toda a vida, tendo trabalhado como empregado em fazendas de café e, posteriormente, constituiu família, passando a ser arrendatário de terras para cultivo.

Brigagão não respondeu claramente a questão, apenas afirmou ser o primeiro da família a atuar no setor calçadista. O empresário declara que ele e seus sócios-fundadores contaram com o suporte emocional e material de seu pai, Sr. Milton Guerrieri Brigagão. Fazendeiro e dentista o Sr. Milton está em Franca há

muito tempo participando e acompanhando o desenvolvimento da cidade. Carlos Brigagão declara: “Meu pai nunca participou do dia-a-dia da fábrica, mas entrou com um fator fundamental: o apoio. Por duas vezes hipotecou a casa dele para avalizar nosso crédito junto aos bancos”⁵. Além disso, o empresário comenta que o capital inicial para a montagem da empresa foi concedido pelo próprio Sr. Milton: 150 cabeças de gado foram vendidas e investidas no negócio.

Frente às considerações feitas pelos entrevistados é pertinente lançar mão de uma discussão acerca do status social, adotando a perspectiva de Marshall que, por sua vez, indica posição na hierarquia de prestígio social, sendo “a soma total de todos os status que ele ocupa” (MARSHALL, op. cit., p. 178), exemplificado pelos entrevistados.

Outras questões também são observáveis nos discursos dos sujeitos industriais entrevistados como as projeções da enunciação do enunciado, discutidas por Fiorin (2002). Discutimos aqui a *debreagem*⁶ que é, por sua vez, um mecanismo estudado por Fiorin em que se projeta no enunciado, quer a pessoa (eu/tu), o tempo (agora) e o espaço (aqui) da enunciação, quer a pessoa (ele), o tempo (então) e o espaço (lá) do enunciado. No primeiro caso (projeção do eu-aqui-agora), ocorre uma *debreagem* enunciativa; no segundo (projeção do ele-então-lá), acontece uma *debreagem* enunciva.

Nos discursos dos industriais Carlos Brigagão e Jorge Donadelli são observáveis as citadas *debreagens*, principalmente quando estes abordam questões relacionadas à classe dos sapateiros. Em algumas situações ambos se colocam na “classe-patronal”, porém em determinados momentos se classificam, explicitamente como sapateiros, não ficando claro qual é o discurso de classe com o qual esses sujeitos dialogam. No discurso do proprietário da fábrica de calçados Sândalo, em apenas dois momentos é observável a identificação com a classe operária. O primeiro é a dúvida gerada quando se questionou se ele seria mais um empresário local que começou como operário e hoje é proprietário de fábrica. Brigagão lançou resposta confusa e contraditória: “Eu não comecei como operário, mas eu trabalhava, porque a fábrica não tinha muitos funcionários, então eu trabalhava

⁵Resposta da questão 28 - Anexo D.

⁶ “Mecanismo utilizado para construir o discurso das categorias de pessoa, de espaço e de tempo” (FIORIN, 2002, p. 40).

como operário. Pode considerar que sim”⁷. O empresário não consegue definir claramente sua iniciação no setor. Em um segundo momento, observa-se na entrevista de apoio que o empresário se coloca na “classe-operária” e, juntamente com seus sócios-fundadores intitula-se “sapateiro”: “Quem tem sócio, tem patrão e levei a questão para eles, mas decidimos continuar sapateiros (grifo nosso)”⁸.

Frente às considerações dos industriais em questão, observa-se que com a ‘prática’ e orientações acadêmicas, estes conseguiram levar seus negócios e crescer fundamentados nesse conceito, o que nos leva a discutir a questão da *práxis*, observada em seus discursos. Há um sucinto conceito guiddeniano da *práxis* social, no qual, esta seria “a produção e a reprodução da vida social” (GIDDENS; TURNER, 1999, p. 395). Nesse momento da discussão, há o esclarecimento acerca da constatação do discurso da *práxis* no discurso dos sujeitos empresários, pois estes explicitam significativo conhecimento e habilidade para com questões referentes aos processos de produção e gestão de suas empresas.

Mediante a discussão da prática social, a questão do aconselhamento é significativa nos discursos dos entrevistados. Observa-se o discurso como forma de ação do sujeito – discurso do conselheiro, do “como fazer” -; os sujeitos empresários dão receitas de sucesso. O dialogismo também é outro fator que se faz presente em diversos momentos das entrevistas, além das questões sindicais discutidas, questões legais e econômicas são constantes nos discursos dos entrevistados.

4. Considerações Finais

Ao analisar as entrevistas realizadas, observou-se que os empresários assumiram, a maior parte do tempo, o papel de homem de negócios, condizente ao espaço no qual se encontravam. Sendo assim, os empresários entrevistados consciente ou inconscientemente fizeram um jogo de representações perante a entrevistadora, ora como economista, proprietário e presidente da empresa, secretário coordenador e conselheiro do *Sindicato da Indústria do Calçado de Franca*, no caso de Brigagão ou Contabilista e Advogado, Presidente do *Sindicato da Indústria do Calçado de Franca* no caso de Donadelli, ora o homem de origem

⁷ Resposta da questão 21 - Anexo A.

⁸ Resposta da questão 41 - Anexo C.

simples, o empreendedor que cresceu com dificuldades – estes últimos com menor frequência na fala de Brigagão, remetendo-se então ao conceito de ‘status social’ discutido anteriormente.

Levantou-se a hipótese de que o industrial, proveniente de classes operárias, ocuparia posições menos privilegiadas na classe empresarial, no entanto, com o desenvolvimento e análise das entrevistas, observou-se que, no caso de Donadelli, a hipótese não se confirma integralmente, pois ele sempre esteve envolvido com entidades de classe, atualmente, ocupa o cargo de Presidente do Sindicato da Indústria do Calçado de Franca, liderança de classe reconhecida e respeitada regionalmente, representando determinado poder sobre o campo do qual participa, conquistando desta forma, posição privilegiada no espaço social. No entanto, é perceptível, também o desejo de reviver o passado, expressas em determinados trechos da entrevista de Donadelli. A memória social expressa no discurso do industrial é perceptível pela retomada de acontecimentos de um mundo sociocultural passado, como afirma Fernandes (2003), sob novas condições sócio-histórico-ideológicas, ou seja, “uma memória sócio-histórica que, consciente ou inconscientemente, povoa os sujeitos envolvidos” (FERNANDES, 2003, p. 39).

A postura de empresário sobressai, há a incorporação da classe dominante, porém os traços de operário de manifestam através das formações discursivas de Donadelli nos momentos que ele se transfere à condição de operário e quando faz inferências às suas origens. Constata-se então que o sujeito analisado passa por uma metamorfose de classe que, conseqüentemente resulta em uma gênese de classe. Considera-se também que as identidades são inscritas em relações discursivas de poder. Através das análises desenvolvidas, identificaram-se as origens sociais dos empresários estudados, através da aquisição de informações biográficas cedidas pelos mesmos nas entrevistas realizadas como também, nas entrevistas de apoio. Da mesma forma, com o respaldo de técnicas de Análise do Discurso, adquiriu-se peculiaridades implícitas e, em alguns casos, explícitas revestidas de intencionalidade e ideologia nos discursos dos industriais Jorge Felix Donadelli e Carlos Alberto Brigagão que, por sua vez indicaram que a imagem do industrial permanece, entretanto, no discurso de Donadelli, em especial, suas origens se manifestam de diferentes formas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michail. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. De

Michel Lahud. 10. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. **O freudismo**: um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa; MENDES, Alexandre Marques. "Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados". In: **Políticas públicas e sociedade**. Ano 3, n. 5, jan/jun/2003. Fortaleza: UECE, 2003.

BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico**: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990). Tese (doutorado). Araraquara: UNESP, 2004.

_____. **Novos Empreendedores na Indústria do Calçado**: Formação Social e Ação Empresarial (1990-2005). Projeto de Pesquisa, Programa Jovem Pesquisador - FAPESP, 2004.

_____. "Uma burguesia de pés descalços: trajetória do empresariado do calçado no interior paulista". In: **Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**. São Paulo, n. 6, out/2005.

BOTTOMORE. T. B. **As classes na sociedade moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

BOURDIEU, Pierre. "Espaço Social e Gênese das Classes". In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989, p. 133-161.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1996.

FERNANDES, Karina Ribeiro. "Processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações". In: **FACEF pesquisa**. Franca, v. 7, n. 3, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

MARSHALL T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MUSSALIM, Fernanda. "Análise do discurso". In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. C.4, p. 100-142.

NASCIMENTO, Edna Maria F. S.; GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (Orgs.). **Problemas atuais da análise do discurso**. São Paulo: UNESP, 1994.

SANTOS, Camila Batista dos; TEIXEIRA, Lidiane Cristina. **Campanha de Comunicação: Ravelli Footwear**. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Franca: Uni-FACEF, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. "Teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea". **Revista Brasileira de Educação**. n. 20, maio/ago, 2002. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

TAVARES, Olga. **Fernando Collor: o discurso messiânico: o clamor ao sagrado**. São Paulo: Annablume, 1998.